

# A ORIGEM DO NÚMERO OITO

OS LEGADOS  DE LORIEN

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE LEONARDO ALVES



Copyright © 2012 Pittacus Lore  
Todos os direitos desta edição reservados  
à Editora Intrínseca Ltda.

TÍTULO ORIGINAL  
Eight's Origin

[www.serieoslegadosdelorien.com.br](http://www.serieoslegadosdelorien.com.br)  
[www.intrinseca.com.br/blogdasseries](http://www.intrinseca.com.br/blogdasseries)

CHEGUEI AO PONTO EM QUE NEM SEI MAIS HÁ QUANTO TEMPO ESTOU SOZINHO. Acho que devia ter prestado atenção, marcado os dias, contado as semanas e os meses. Ou será que já se passou um ano? Talvez sim, talvez não. Não faço a menor ideia. Só sei que tem mais tempo que uma estação e menos que uma vida.

Com certeza estou mais alto. Meu cabelo agora chega quase nos ombros, e meus braços ficaram grossos e musculosos.

Mas não há ninguém para me dizer o quanto cresci ou o que mais pode ter mudado em mim. Não há ninguém que lembre como eu era. A única pessoa que me conhecia de verdade era Reynolds, e ele se foi.

Aqui, agora, há apenas eu — eu e as montanhas e o céu e os animais. Às vezes me pergunto onde eu termino e todo o restante começa. Às vezes penso que não existe qualquer diferença.

Para algumas pessoas talvez seja enlouquecedor viver assim, mas o silêncio me faz companhia. Passo os dias nadando nos lagos e correndo pelas montanhas. Não tenho nome e prefiro assim, porque quando sou eu mesmo, sem identidade nova nem diferente, minhas lembranças voltam. Tento pensar só nas que me deixam feliz e evitar as dolorosas, mas às vezes é difícil diferenciá-las. Muitas vezes elas são as mesmas.

Descobri que algumas lembranças me pegam de surpresa e me apunham quando menos espero. Durante uma caminhada pela floresta, descendo por trilhas rochosas da montanha à procura do jantar e pensando em algum momento feliz com Reynolds: nós dois passeando pelos mercados de Nova Déli, eu comendo uma manga saborosa enquanto ele contava histórias sobre a vida que havia deixado para trás em nosso planeta distante, seu rosto virado em um ângulo específico que fazia seu olhar risonho refletir a luz, seu sorriso meio torto de um jeito bem característico. E então, de repente, a imagem muda e eu vejo o mesmo olhar risonho, o mesmo sorriso torto, mas agora estão dirigidos para Lola. E aí, do nada, a lembrança fica mais sombria, terrível. E eu volto ao instante exato em que ela nos traiu.

Eu nunca choro por causa dessas lembranças. Mas às vezes eu grito.

Eu devia ter sido capaz de salvá-lo.

A culpa é toda minha.

Reynolds me treinou para aquele momento desde nossa chegada à Terra, primeiro ensinando-me a ser rápido e forte e depois, quando fiquei mais velho, a dominar minhas habilidades — meus Legados — para o dia em que enfrentaria meus inimigos, aqueles que me fizeram fugir de Lorien e vir para este planeta distante.

Quando descobri que podia mover objetos com a mente, Reynolds me ensinou a exercitar o cérebro como se fosse um músculo, até que eu conseguisse erguer desde uma pedrinha até praticamente qualquer outra coisa. E então um dia, quando eu desapareci de uma rua movimentada e fui parar a uma quadra de distância de lá, ele me ensinou a controlar meu poder de teleporte para que fosse capaz de usá-lo sempre que quisesse, com a mesma facilidade de um piscar de olhos.

E ele explicou sobre minha verdadeira identidade. *Nossa* identidade: que em algum lugar existem outros como eu.

No começo éramos nove. Somos chamados de Garde. Pelas cicatrizes em meu tornozelo, sei que restam apenas seis. Três já morreram. Também sei que algum dia, de alguma forma, eu me unirei aos outros. Eu sou o Número Oito.

Sem Reynolds, no entanto, não faço ideia de como encontrá-los. Não sei qual é a aparência deles; não sei como se chamam. Também perdi minha Arca — o único elo físico que ainda tinha com Lorien, meu planeta —, e sem ela estou vulnerável. Mas é nosso destino reunir a Garde. Tenho tanta fé nisso quanto em Lorien. Então minha esperança é que um dos outros tenha um plano. Que eles saibam mais que eu sobre os demais. Que o restante da Garde se encontre, e então me encontre, antes que os mogadorianos voltem.

Embora Reynolds tenha me ajudado a desenvolver meus Legados, treinando-me para o dia em que confrontaria os mogadorianos e seria capaz de derrotá-los, eu não estava pronto. Sozinho, eu não pude impedi-los. Graças ao feitiço, não virei apenas mais uma cicatriz no tornozelo do restante da Garde. Então, eles mataram Reynolds no meu lugar.

Desde que ele foi assassinado, fiquei aqui nas montanhas, sem companhia. Eu não sabia para onde ir. Por algum tempo, pensei que talvez morresse aqui em cima, isolado, esquecido pelos outros.

Então, um dia, depois de um longo sono, acordei e vi um coelho preto sentado bem perto de mim. Ele simplesmente me encarava.

— Oi, Coelho — eu disse.

Essas foram as primeiras palavras que falei em séculos. O coelho inclinou a cabeça, mas não fugiu, nem quando me sentei.

— Bu!

Ele ainda assim não se assustou. Quase parecia que sentia pena de mim... como se não quisesse que eu continuasse sozinho.

Ficamos olhando um para o outro por um tempo. Era agradável ter companhia, então fingi que ele era uma pessoa de verdade, que podia me entender, e contei uma piada, e depois outra. Pelo jeito como o

coelho torcia o nariz, dava para ver que ele estava morrendo de rir. Por alguns minutos, eu me senti a mesma pessoa de antes.

E então eu também era um coelho preto. Nem percebi quando aconteceu — eu só sabia que o mundo parecia diferente. Estava tudo maior, mas também mais fácil de entender. Cheiros e sons assumiram uma forma própria; trilhas surgiram onde antes não havia nenhuma. Minhas lembranças deram lugar a instintos.

O coelho e eu começamos a perseguir um ao outro pelos arbustos, pulando por cima de pedras, correndo em meio às árvores. Brincando como dois coelhos normais.

E aí ouvi um barulho atrás de mim. Não era nada — só uma pedra se deslocando —, mas, sem que eu tivesse consciência, o susto me fez voltar a ser humano. O outro coelho sumiu.

Nunca mais o vi, mas ele me lembrara que eu tinha uma responsabilidade, que eu precisava parar de me lamentar e voltar a me divertir. Ele também ajudara a revelar meu mais novo Legado: o poder de mudar de forma.

Penso se teria sido capaz de salvar Reynolds se pudesse usar esse Legado de metamorfismo quando Lola nos traiu. No meio da noite, quando não consigo dormir e os últimos instantes de Reynolds ficam passando pela minha cabeça, imagino o que eu teria feito. Penso em mim mesmo transformado em leão, destruindo os mogadorianos. Ou em dragão, cuspidando fogo e destruição neles.

Mas isso ainda é só fantasia. Porque mesmo agora, embora tenha desenvolvido esse Legado há algum tempo e pratique sempre que posso, não consigo me transformar em um dragão ou leão. E não sei de que vai adiantar virar um coelho para enfrentar um exército alienígena.

Eu tentei: passei horas em minha caverna reunindo raiva, tentando invocar a ferocidade, a força e o orgulho de um leão. Nunca funciona. Só consigo me transformar em um coelhinho preto.



Hoje de manhã, acordo, me arrasto para fora da gruta onde me instalei e olho para o céu. Como sempre faço. Sei que não posso ficar aqui para sempre, mas também sei que ainda não estou pronto para partir. Dou uma espreguiçada, bocejo e tento sentir-me grato por ainda estar vivo.

Só quando assumo minha forma de coelho para sair em busca de comida eu me dou conta de que há algo diferente. Posso farejar: há alguém por perto. Não estou mais sozinho aqui na montanha.

Deveria sentir medo, mas não sinto. Pelo menos ainda não. Mais que tudo, estou curioso.

Sem pensar no perigo, saltito por terra, mato e pedras, seguindo esse cheiro que não consigo identificar, mas que sei que está aqui.

Quando um gavião mergulha do céu e vem em minha direção, meu coração dispara e eu acelero, pulando para um denso arbusto verde que me esconderá dos olhos do predador. O gavião guincha, frustrado por ter perdido de vista sua refeição saborosa, e sobe de novo para o céu. Ele vai ter que arranjar o almoço em outro lugar. Ouvi dizer que servem uma samosa deliciosa não muito longe daqui.

Espero alguns instantes, farejando o ar com cuidado, e então volto a sair e retomo meu caminho.

Finalmente vejo perto do lago o que estava procurando. Um homem sentado, recostado nas pedras, com os olhos fechados. Ele está com um sorriso tranquilo.

Ele é velho, grisalho e cheio de rugas, mas também parece ter uma força, um tipo de confiança que está relacionada de algum modo àquele sorriso. Suspeito que ele seja mais do que aparenta, mas não sei bem por que acho isso. Nem o que isso poderia significar.

A morte de Reynolds me ensinou a nunca confiar em ninguém. Se ele não tivesse confiado em Lola — não tivesse se apaixonado por ela —, nunca teria lhe contado nossos segredos. Então ela não teria nos entregado aos mogadorianos. E Reynolds ainda estaria vivo.

Confiança é algo perigoso. Por mais que eu resista, porém, não consigo deixar de confiar nesse homem.

Observo-o de longe por algum tempo. Em minha forma de coelho, meu instinto me diz o que outras criaturas vão fazer a partir de gestos e sinais extremamente sutis. A respiração controlada, os movimentos relaxados dos olhos por trás das pálpebras e a forma como posicionou a cabeça, algo nisso me diz que esse homem sabe que o estou observando. Mas também sei que ele não vai vir até mim. Vai continuar sentado ali. Eu poderia ficar ou ir embora. A escolha é minha. Finalmente ele ri e abre os olhos.

E então, sem que sequer me dê conta do que estou fazendo, pulo para o meio de um arbusto, abandono minha forma de coelho e me teleorto para um arvoredo do outro lado do lago. Quando saio de trás de uma árvore, estou diante do homem desconhecido em minha forma humana. Número Oito.

Ele fixa os olhos em mim.

— Olá — diz.

— Oi — respondo. Resolvo usar o nome que adotei quando vim com Reynolds aqui para a Índia. — Meu nome é Naveen.

— Eu sou Devdan. Que bom que me encontrou. Você tem muito poder, mas ainda tem muito a aprender. — Ele enfia a mão em uma bolsinha de couro e tira uma folha verde e fresca. — Mas, antes, quer um pouco de alface? — Ele me oferece a folha.

Eu o encaro, confuso.

— Lamento não ter nenhuma cenoura — ele fala, com um sorriso debochado. — Mas coelhos também gostam de alface, não é?

Um sorriso se abre em meu rosto. Por algum motivo, sinto que conheci esse homem por toda a minha vida. E parece que ele também sempre me conheceu. Que ele me reconheceria em qualquer forma. O peso do remorso, da solidão e do desespero que tenho carregado há tantos meses desaparece, e de repente estou rindo.



O homem olha para mim, curioso, e então começa a rir também. Parece que alguém acabou de nos contar a piada mais engraçada do mundo.

De alguma forma, sei que esse homem vai me ensinar mais do que eu jamais imaginei ser possível. Talvez até mais do que Reynolds seria capaz. Ele pode me ensinar sobre esse poder de mudar de forma. Pode me ensinar que ser um coelho é uma coisa, mas que ser algo poderoso — algo que possa derrotar os mogadorianos — exige muito mais que medo ou raiva.

Exige força.

Exige conhecimento, concentração e confiança.

Acima de tudo, exige fé.

Mas, por enquanto, sou apenas um coelho. E um menino conhecido como Número Oito.

